

E agora, José?

# APÓS 119 ANOS, JORNAL DO BRASIL DEIXA DE CIRCULAR EM VERSÃO IMPRESSA

Por Alexandre Maciel

Com dívidas acumuladas e sob o pretexto de inovação pioneira, o *Jornal do Brasil* deixou de circular em sua versão impressa mantendo apenas a veiculação digital. 31 de agosto foi a data do fim da publicação em papel de um dos mais importantes periódicos do país. Totalmente transformado e nas mãos de um empresário colecionador de processos, o atual formato apenas contribui para o fim da chamada “última profissão romântica”, acelerando o processo do fazer jornalístico em mais um mero modelo de negócio. Após 119 anos de circulação, o *JB* deixa para trás o rastro de um jornal cuja história se confunde com a história do seu próprio país.

## Era quinta-feira, 9 de abril de 1891 –

Em 1889 o país deixava o regime monárquico para se tornar uma república. Foi no meio desta tensão que, dois anos mais tarde, nascia o *Jornal do Brasil* (ou *Brazil*, como era grafado na época). Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas fundara o periódico com a intenção de defender o modelo de governo anterior, atacando o então presidente Marechal Deodoro. Em 1893, já sob a direção de Ruy Barbosa, o jornal sofre seu primeiro “empastelamento” e é fechado devido aos ataques dirigidos ao governo de Floriano Peixoto.

Após pouco mais de um ano, com Ruy exilado, o jornal é reaberto sob a direção de Cândido Mendes de Almeida Júnior e muda sua linha editorial, passando a noticiar o cotidiano da cidade. Mas, desde cedo, o *JB*, como ficou conhecido, já sofria com as dificuldades financeiras. O jornal então passa a publicar em sua primeira página anúncios de classificados. Ao final dos anos de 1910, já adquirido pelo Conde Ernesto Pereira Carneiro, o jornal ainda passava por sérios problemas financeiros. Novamente a linha editorial é alterada, passando a escrever mais sobre artes e literatura.

Em 1930 o jornal tem novamente sua redação prejudicada devido a críticas em suas matérias, o alvo da vez era Getúlio Vargas. E mais uma vez volta a estampar majoritariamente classificados em sua primeira página. É deste período o apelido de “jornal das cozinheiras”, por passar a discutir menos política e por conta do número excessivo de anúncios (eram páginas e mais páginas apenas de classificados, de todos os tipos). Contudo, durante o Estado Novo passa a apoiar o regime varguista, mas em 1945 apóia a deposição de Getúlio. Em 30 de outubro, um dia após a renúncia formal do presidente, era registrado o seguinte texto em prol do golpe: “*Em hora tão delicada os votos do Jornal do Brasil são os de que toda a Nação se congregue em torno do novo dirigente (...). O dever patriótico dos cidadãos é*

Com baixa tiragem e sob gestão suspeita, um dos maiores jornais do país deixa de ser vendido após registrar importantes períodos históricos



Fotos: Reprodução

confiar nas Forças Armadas, prestigiar o Presidente da República e continuar todos no exercício das suas atividades normais, dando assim prova de sua culta mentalidade e demonstração inequívoca de civismo”.

**A reforma gráfica** – Nos anos de 1950, com a morte do Conde Pereira Carneiro, a viúva assume a presidência e nomeia seu genro, Nascimento Brito, à direção. Este, ao assumir, propõe uma reformulação completa no jornal. Adquire novo maquinário e faz novas contratações. Entre elas estavam os poetas Ferreira Gullar, na época um jovem de apenas 26 anos; os irmãos Augusto e Haroldo de Campos; além de Reynaldo Jardim, criador do Suplemento Dominical, Caderno B e autor de paginações ousadas demais para a época. Para completar a reforma que revolucionaria o jornal impresso no Brasil, a equipe contava com a supervisão do artista plástico Amilcar de Castro, responsável por retirar os fios que faziam a separação entre as colunas de texto e por dispor os classificados, que até então ocupavam toda a primeira página, em formato de “L”. As fotografias também passavam a ocupar espaços preciosos na capa.

Lançado em 1960, o Caderno B era voltado para as variedades como assuntos culturais e de entretenimento. Outra de suas características era a riqueza de seus textos. Além dos poetas citados, em 1967, Clarice Lispector também passa a colaborar com o caderno. Cargo que assumiria até 1973, quatro anos antes de um mal irreversível em seu ovário lhe tirar a vida. Dentre tantas crônicas, Clarice escreve “Fernando Pessoa me ajudan-

do”, onde relata estar se conhecendo e revela certo medo – ou desejo – à fama. “(...) Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei certa parte minha(...)”.

No mesmo ano da contratação da escritora, o país vê a ascensão das vendas de aparelhos televisores. A matéria de página inteira intitulada “*Nos áureos tempos em que o rádio era o rei*” descreve o clima dos programas de auditório: “*São quatro horas da tarde na Praça Mauá. O dia é sábado, estamos no verão, faz um sol de 40 graus à sombra. No entanto, ali mesmo, no último andar do edifício mais alto da praça, umas novecentas pessoas se acotovela, suarentas, abanando-se com qualquer pedaço de papel. O clima de agitação é impressionante quando César de Alencar anuncia o nome tão esperado – E-mi-li-nha Borrrrrba! (...) Os ídolos de há dez anos estão quase todos de pé, como o mesmo público ululante e fiel. Houve apenas uma mudança de endereço: onde se dizia auditório de rádio, diz-se agora auditório de TV*”.

**Os anos de 1960: Uma ditadura, duas primeiras páginas históricas e tantos acontecimentos** – Em 1962 Alberto Dines é contratado como editor-chefe. Dois anos depois, João Goulart é deposto pela Revolução de 1964. E apesar de um dos títulos da primeira página de 1º de abril ser “*Gorilas’ invadem o JB*”, se referindo à surpresa que os funcionários tiveram ao chegar à re-

dação e ver que ela estava tomada por soldados do exército, assim como quase toda a imprensa, o Jornal do Brasil também apóia o golpe militar. Como Alberto já esclareceu, “quem mandava era o dono, o dono dava a linha editorial, quem não concordasse, saía do jornal. Assim era o funcionamento” – segundo as palavras do próprio, em entrevista à rede TVE (Televisão Educativa) em 2002, atual TV Brasil.

O fato é que, com o decreto do Ato Institucional número 5 em 1968, o repúdio também foi geral. Mesmo com a redação ocupada por oficiais de exército, em 14 de dezembro, Dines solicita que seja redigida a seguinte notícia no local destinado à previsão do tempo: “Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38° em Brasília. Mín.: 5° nas Laranjeiras.” Apesar da sutileza para driblar a censura, era um comunicado direto ao leitor. Estampado na primeira página. Traçando em poucas palavras como estava o clima político na recente capital do país e, em contraposição o Presidente Costa e Silva, festejava o encerramento da Semana da Marinha, no Palácio das Laranjeiras.

Pouco mais de um ano antes e menos de um ano depois de ser baixado o AI-5, outros dois acontecimentos também mereceram destaques nas primeiras páginas no *JB*. Em 9 de outubro de 1967 era assassinado Che Guevara. Fato que ganhou quatro páginas inteiras dois dias após o assassinato. E, em novembro de 1969, morrerá também assassinado outro líder: Carlos Marighella. A edição de 5 de novembro, um dia após o atentado, chegou ao seu 4º clichê. A manchete foi direta: “Marighella morre metralhado em São Paulo”.

Com o endurecimento da ditadura, em 1973 outra censura, outra solução. A redação fora proibida de dar a manchete ou publicar fotos sobre a morte do presidente chileno Salvador Allende. Nem manchete, nem fotos. Toda a notícia principal fora publicada na primeira página em quatro colunas com letras garrafais, apenas ladeada pelo famoso “L” dos classificados. O golpe que deu posse a Pinochet e trouxe ao Chile seus anos mais violentos, não apenas foi noticiado, como a mesma edição ainda vinha acompanhada do suplemento de 65 páginas “Tudo sobre a queda de Allende”.

**O início do fim** – Ao final dos anos de 1960 os proprietários do jornal decidem investir na construção de um novo prédio na altura do número 500 da Avenida Brasil. Em relação a este período, muitos acusam os donos do jornal de realizarem a obra por influência de Delfim Netto, então ministro da Fazenda, o que conseqüentemente teria aumentado as dívidas da empresa, fazendo com que o *JB* iniciasse o seu declínio financeiro, assim como toda a conjuntura econômica do país na época.

O enorme prédio de 15 mil metros quadrados e 10 andares é considerado, até hoje, o símbolo da ascensão e queda do *Jornal do Brasil*. Ao

“**TEMPO NEGRO. TEMPERATURA SUFOCANTE. O AR ESTÁ IRRESPIRÁVEL. O PAÍS ESTÁ SENDO VARRIDO POR FORTES VENTOS. MÁX.: 38° EM BRASÍLIA. MÍN.: 5° NAS LARANJEIRAS.**”  
**APESAR DA SUTILEZA PARA DRIBLAR A CENSURA, ERA UM COMUNICADO DIRETO AO LEITOR.**”

mesmo tempo em que os antigos profissionais viam seus períodos mais férteis e novos talentos começavam a surgir, como o fotógrafo Rogério Reis, autor do vídeo “Avenida Brasil 500”, as dívidas passaram a se tornar impagáveis. O mercado de anúncios, que gerava a maior receita do jornal, começa a cair – a partir de 1982 o espaço na primeira página, dedicado há mais de 70 anos aos classificados, torna-se o índice do periódico –, fato conseqüente da época em que o Brasil mergulha em um de seus piores períodos econômicos, misturados a sucessíveis erros administrativos fazem o *JB* agonizar.

Na primeira metade dos anos de 1990, quando a inflação batia o recorde médio anual de mais de 700%, foi ao ar a versão on-line do *Jornal do Brasil*, pioneira no país. Na segunda metade o jornal entra definitivamente em colapso financeiro. Em 2001, as dívidas já chegavam a quase 700 milhões de reais. A família Nascimento Brito, então, arrenda o título ao empresário Nelson Tanure pelo valor de 70 milhões.

Tanure, 59, sempre foi cercado por muitas polêmicas em relação aos seus negócios. Nos anos de 1970 foi acusado de aplicar golpes realizando empréstimos no Banco do Nordeste para construir prédios e vendê-los. Ao mesmo tempo, oferecia ao banco os próprios imóveis como garantia do empréstimo realizado. Lucrando, assim, com o empréstimo e com a venda. Também é apontado como o responsável pelo sucateamento do setor naval no país a partir dos anos de 1980 e pela extinção de mais de nove mil postos de trabalho no setor. É famoso por comprar empresas em situação falimentar e não pagar o passivo devido. Atualmente, coleciona processos movidos pela Petrobras, City Bank, BNDES e até pelo apresentador Augusto Liberato (Gugu) por empréstimos não pagos. Sem contar os acionamentos judiciais por funcionários do *JB*, que o acusam de transferir bens da empresa para não pagar dívidas trabalhistas, entre outras.

Já com novo formato gráfico, menos páginas e equipe reduzida, o jornal conseguiu recuperar suas vendas apenas em 2007, quando chegou a 100 mil exemplares, mas logo começou a declinar novamente. Em março de 2010 foram pouco mais de 20 mil cópias vendidas.

Nesta última década, todo o processo jornalístico sofreu, e ainda vem sofrendo, alterações por conta das novas tecnologias. Com a circulação dos impressos não foi diferente. Apesar da queda, os periódicos brasileiros registraram alta de 1,5% em suas vendas no primeiro quadrimestre deste ano, comparado com o mesmo período de 2009. O Instituto Verificador de Circulação (IVC) calculou uma média diária de 4.279.482 exemplares vendidos, considerando os seus 95 filiados. O *JB* já não era considerado desde 2008.

Com a baixa circulação, durante um mês circulou a propaganda com a informação de que o *JB* se tornaria o primeiro jornal 100% digital no país. Compatível com iPad, Kindle e outros periféricos similares para leitura. Sob o discurso de sustentabilidade, inovação e por apenas R\$ 9,90 mensais um dos principais veículos deixaria de existir. Na última edição impressa, a manchete “PF ataca fraude na reforma agrária” disputava espaço com a chamada para a passagem do *Jornal do Brasil* para o meio digital sob elogios do Presidente Lula. Era terça-feira, 31 de agosto de 2010.



Fotos: Reprodução

## Outros centenários impressos:

- **Diário de Pernambuco**  
Desde 7 de novembro de 1825, é o mais antigo jornal em circulação da América Latina, mantendo o mesmo nome. Faz parte do conglomerado Diários Associados.
- **Jornal do Commercio**  
Jornal econômico fundado em 1º de outubro de 1827. Também pertence à corporação Diários Associados.
- **The New York Times (EUA)**  
Fundado em 18 de setembro de 1851. Seu presidente do conselho e publisher, Arthur Sulzberger Jr., já admitiu que “em algum momento no futuro, em data a ser definida” o NYT deixará de ser impresso.
- **Monitor Campista**  
Fundado em 1834. Após 175 anos teve seus trabalhos encerrados por motivos econômicos em 15 de novembro de 2009.